

enquadrar Lula no mesmo patamar de um governo como o de Chavez ou que se parecesse com um governo da esquerda mais radical. Na sua avaliação por que os setores mais conservadores reagem de forma extrema, mesmo às menores tentativas de mudanças?

R- Essas elites sul-americanas são talvez as mais conservadoras e empedernidas de todo o mundo. Elas não querem fazer concessão de tipo algum, nem mesmo para que possa simplesmente se viver um pouco melhor, se ter um pouco mais de distribuição dentro das hierarquias que elas próprias montaram e defendem. Na verdade essa é uma ilusão de governos como Lula e Tabaré Vasquez, com a tentativa de fazer grandes acordos à direita e trazê-la a um processo reformista. Isso nunca vai acontecer. A direita não quer nenhum avanço nessa direção, não está interessada nisso. Para ela, tanto faz Hugo Chávez ou Lula da Silva, pois vão ser inimigos de qualquer forma. É uma ilusão muito grande achar que não. Porque é inimigo mesmo e não irão pensar de outra forma.

P- O senhor acredita que as políticas neoliberais estão desgastadas em termos mundiais, ou ainda há fôlego para que os países centrais tentem impor essa agenda?

R- Eu diria que em termos mais gerais, as políticas de reconcentração, de reformas regressivas marcadas pelo que se chamou bem ou mal de consenso de Washington. Isso não tem mais espaço, não tem como ser mantido, pois a maioria da população do mundo, em particular desse continente, não aceita mais esse tipo de proposta. Mas isso não é igual nem homogêneo na população. Grupos sociais, faixas de opinião, dentro de países onde majoritariamente há uma recusa às reformas concentradoras e regressivas continuam achando que essas reformas são maravilhosas e que de certa forma elas são maravilhosas para eles, e que não têm nenhuma razão para abrir mão desse processo. Isso também vai agudizar dentro dos países, gerando um choque entre diversos grupos sociais.

P- Alguns analistas, inclusive o norte-americano, Immanuel Walerstein, detectam o que seria o ocaso do império norte-americano. O senhor compartilha dessa tese que os Estados Unidos realmente vivem essa situação?

R- Como historiador, temos que fazer a distinção entre o que queríamos e o que o mundo realmente é. Evidentemente, algumas pessoas fizeram algumas análises eloquentes, no sentido de, por exemplo, os EUA terem 47% do PIB do mundo em 1945 e ter hoje 25% do PIB mundial. Aí devemos ter cuidado com algumas coisas, porque os Estados Unidos tinham esse índice (47%), quando o Japão e a Alemanha estavam destruídos e a Inglaterra bombardeada, a França e a Itália arrasada. Então naquela situação era fácil se ter um poderio muito grande concentrado. Indo para uma

situação normal, a China ocupada e quebrada entre colonialista. Indo para uma situação normal, 50 anos depois disso, houve uma redistribuição da riqueza e do poder no planeta. Essa é a situação normal, com a redistribuição de poder e não a concentração. Entretanto isso não significa decadência dos Estados Unidos e sim que aquela situação era anormal e agora está chegando próximo de uma situação de normalidade. De qualquer forma os Estados Unidos sozinho com 25% do PIB mundial já é algo fantástico. Por terem um orçamento militar que é maior que outros cinco orçamentos juntos, por terem o monopólio quase que total em inovação e tecnologia. O mundo paga royalties aos Estados Unidos, desde aviões até programas de computador e isso é mantido e investido por aquele país. Existe treinamento de 'cérebros' do mundo inteiro, da Índia, da antiga União Soviética, do Brasil, que vão trabalhar nos Estados Unidos.

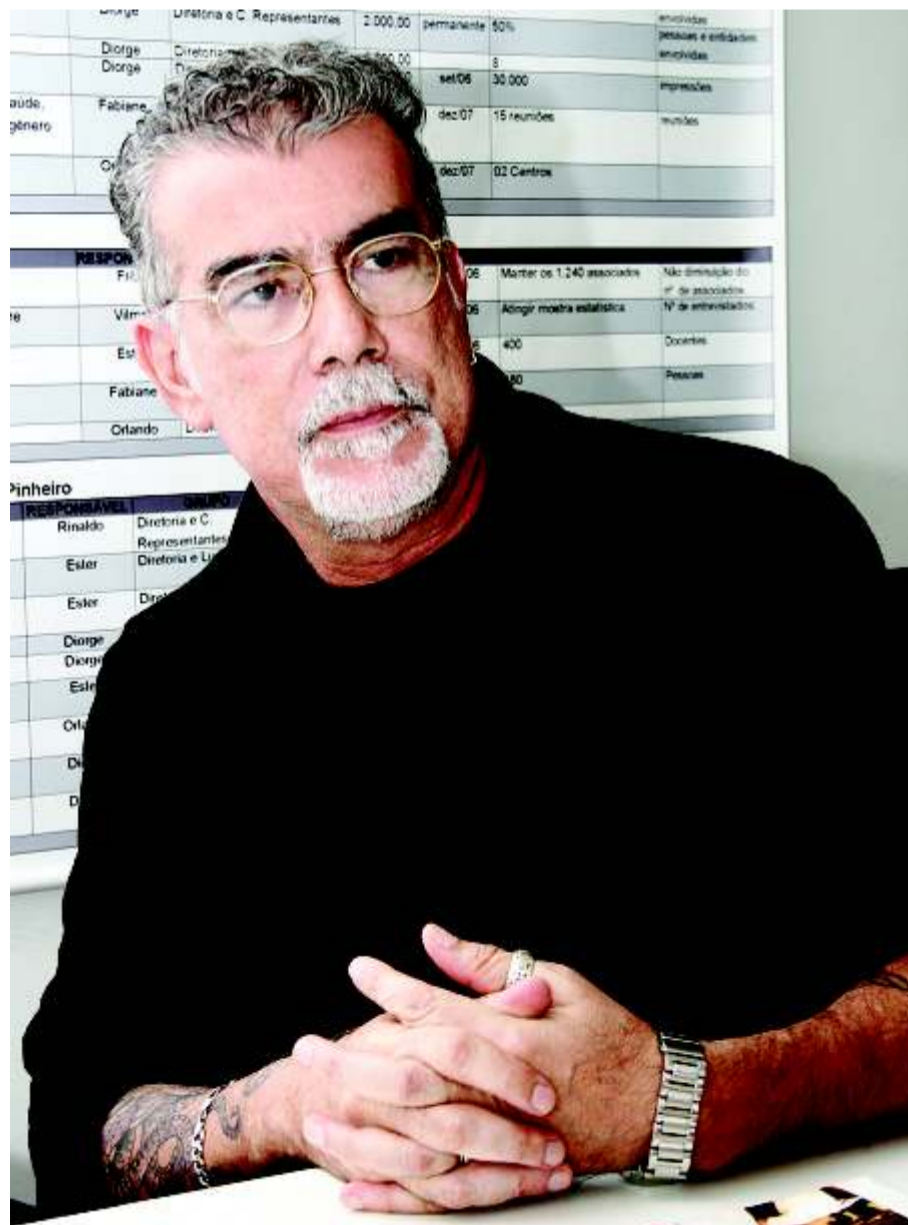
P- O senhor não vê um cenário, como alguns analistas de que tem uma crise que começou nessa questão do sistema imobiliário, que pode afetar também a questão da China como um contraponto?

R- Não. Os Estados Unidos têm um déficit comercial e fiscal que é da casa dos 400 bilhões de dólares. Está passando por uma crise da chamada 'bolha subprime', dos investimentos imobiliários não pagáveis. O dólar também perdeu a atratividade, mas os Estados Unidos continuam sendo os países que controlam o sistema financeiro mundial e a movimentação de tecnologia e inovação. Os títulos americanos de qualquer forma continuam sendo os maiores lastros, por exemplo, da China, nesse momento. Nós estamos caminhando para a normalidade.

Quando Clinton (Bill) terminou o governo dele, o país tinha o superávit de 400 milhões de dólares. Bush (George W.) com uma política mais regressiva, cortou os impostos dos ricos e gastou esse dinheiro em guerras e armas sucessivas e com isso gerou um déficit enorme.

Temos que ver um próximo governo, se voltar a taxar as grandes fortunas e cobrar o imposto de renda como Clinton e Al Gore (Albert Arnold Gore Jr) fizeram na administração deles, as guerras cessarem certamente esse déficit pode voltar a ser superávit. Isso ainda não é estrutural, precisamos ver mais dois ou três mandatos diferentes para ver a capacidade dos

"Os Estados Unidos continuam dominando o sistema financeiro mundial"



Estados Unidos inverterem essa tendência. Se forem incapazes de reverter essa tendência aí sim há uma crise. Mas se for uma política de governo visando redistribuir dinheiro para os mais ricos, como foi Bush, não é crise e sim política, porque os Estados Unidos está ganhando. Quem está ganhando com o dólar barato? Não é com certeza nem a União Européia, nem o Brasil, cujos produtos ficaram mais caros no mercado mundial. Quem está ganhando são os Estados Unidos.

P- O senhor tem analisado bastante os conflitos na região do oriente médio, com as crises envolvendo países como Afeganistão, Iraque e Irã, alguns deles sob intervenção norte-americana ou ameaça de intervenção, como o Irã. Que tipo de conseqüências nós poderíamos ter em longo prazo, a partir da conflagração daquela região, que poderia incluir aí a relação de Israel com os Palestinos, Síria e Líbano. Do ponto de vista futuro como pode se delinear essa situação?

R- A questão do oriente médio está contagiada de cima a baixo pela ocupação da Palestina. Enquanto nós não tivermos uma reposta pronta e imediata acabada sobre a palestina, nós não vamos ter possibilidade alguma de começar a pensar numa pacificação da região. Muitas vezes no ocidente, nos Estados Unidos não se tem a dimensão do que é a tragédia palestina. Não se percebe e não estão interessados no que seja esse processo. A declaração de Anápolis entre Israel e as autoridades palestinas é um ato de retórica absolutamente desprovida de conteúdo nesse sentido porque mais uma vez Israel e Palestina aceitaram um procedimento em busca da paz que tem uma perspectiva de dar mais certo do que a política passo a passo. Em vez de se reunir para decidir efetivamente quais são os pontos centrais onde pode ter um acordo e se negociar uma agenda, o estatuto de Jerusalém, a situação dos refugiados, as fronteiras e os assentamentos. Na verdade os dois se reúnem e dizem que aceitam conversar durante um ano e meio, sem nenhum outro compromisso. Isso já foi feito várias vezes, na política passo a passo. Não tem como resolver isso. A única solução é obrigar que as partes se reúnam e assinam um acordo e as tropas da ONU sejam deslocadas para garantir a segurança de um lado do estado de Israel e de outro para que Israel não vá invadir e voltar a ocupar a palestina, porque Israel não pode continuar bloqueando a ONU. Não é possível que o mundo não saiba que nós mandamos tropas de paz para o Haiti, Timor-Leste, Angola e Serra Leoa. Agora para a Palestina, com o pedido dos palestinos, não poderá ser feito porque Israel veta nesse sentido. Então, eu não vejo nenhuma possibilidade de resolução porque se volta à política de não fazer política, que é a questão de resolver passo-a-passo. Assim nunca será resolvido.